

Paraíba – Bananeiras

Título: **VISITA ÍNTIMA**

Autor: Felipe de Souza Damião.

Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN

Professora Orientadora: Josineide da Silva Bezerra.

Compreensão, hum! Nunca fui compreendida, mas acho que compreensão era algo que eles nunca pensaram em me dar. De família simples do interior, minha mãe foi singela até no nome que me deu – junção perfeita do estereótipo feminino: Maria das Rosas. Verdadeiramente, ela nunca me entendeu, mas até compreendo. Afinal, ser diferente entre outros onze irmãos não costuma ajudar muito. Meu pai? Ah, ele era um homem de poucas palavras. Uma das poucas vezes em que me lembro de tê-lo ouvido falar, em alto e bom som, foi quando minha mãe lhe disse:

- Zé, num já tá na hora desses menino ir pra escola ?! Maria das Rosas passa o dia todo rabiscando nuns pedaço de papé véi que a fia da cumade deu a ela. Né que a menina pegou os documento dela e começou a escrevê o nome! Agora passa o dia assim, com os papé debaixo do braço, escreveno o nome e desenhano as planta!

- Como é muié? E tu deixa?! Que estudo o quê! Estudo não enche barriga. Essa menina vai pra roça, aprendê com o cabo da enxada. E ocê num me amole com essa história. Rum... mulé burra!

Lembrar desta conversa me faz reacender as recordações de tudo pelo qual o meu pai me fez passar. Um homem que nunca demonstrou um sinal de amor por qualquer um dos filhos. Um homem que trabalhava e juntava as economias para ir à cidade beber e comprar prostitutas, chegando em casa dias depois, ainda alcoolizado. Isto quando encontrado por conhecidos que o viam largado na sarjeta e dormindo nas ruas da cidade. Sempre achei que se ninguém o encontrasse ele nunca voltaria.

Talvez aquela fosse a vida que ele sempre quis ou a maneira mais fácil de suportar a que tinha. Dizem que a felicidade se encontra nas pequenas e simples coisas da vida. Acho que meu pai interpretou de maneira equivocada esta frase: foi em um copo de cachaça que ele encontrou a dele. Curado da ressaca, falava como sua vida era miserável; a falta de dinheiro... Bem, acabava sempre sobrando para minha mãe. Diferente de outros homens, que costumam bater nas mulheres, ainda alcoolizados, ele o fazia em plena lucidez.

Por volta dos onze, doze anos, minha vida se limitava a ajudar minha mãe em casa e ir para a roça com meus irmãos. No pouco tempo que me restava, gostava de brincar. Contudo,

nunca gostei muito de boneca, aquele ser inanimado ao qual temos que dar vida! Adorava brincar nas ruas com meus irmãos e amigos. Brincava de bola de gude, de futebol, de esconde-esconde. Minha mãe achava estranho eu não brincar com as outras meninas e suas bonecas. Bonecas de sabugo de milho.

Durante as brincadeiras ou quando descansávamos, os meninos me afagavam e me beijavam. Certas vezes, chegaram a me atacar. Quando dizia ao meu irmão, sempre saía briga. Eu não gostava do que eles faziam comigo, mas, ao menos, eles me tocavam e eu podia me sentir querida e desejada. Ouvia dizer que aquilo era pecado e que quem o fazia iria para o inferno. Mas o homem também falava que a vida era boa, e que se não cometêssemos pecados, iríamos para o céu, onde viver seria tão bom quanto aqui. Mesmo assim eu deixava, pois se o céu era parecido com minha vida, eu queria ir para o inferno onde seria desejada.

Tudo mudou quando meu pai passou a fazer em mim aquilo que os meninos faziam. Dava-me medo, nojo e dor. Quando terminava, eu tinha vontade de tirar minha vida! Vergonha de ter “aquilo” como pai e vergonha de mim por fazer isto. Antes de tudo, eu apanhava. Era espancada para não dizer a ninguém, e isso me causava mais revolta. Ficava pensando nas minhas irmãs e na minha mãe, com quantas outras ele fez isso? A partir deste dia não permiti que os meninos me tocassem mais. Passei a ter medo do inferno.

Minha única amizade passou a ser Betty, uma mulher letrada. Estranho. Letrada! Com ela, aprendi sobre o mundo; ela me fez pensar melhor na vida. Ajudava-me a não acha-la tão horrível. Eu comecei a sonhar. Sentia-me um pouco livre, e comecei a me achar igual a todos e merecer respeito por isso. Além do mais, com ela, eu recebia um carinho diferente, não tinha medo nem nojo, pois éramos iguais e eu gostava disso. Ela me ensinou a “mística feminina”.

Mesmo vivendo este momento que beirava meu renascimento, passei por uma das situações mais difíceis de minha vida e que culminou numa decisão cautelosa; foi quando engravidei. O medo e a vergonha tomaram conta de mim. O que as pessoas diriam? O que seria de mim e daquela criança? E quando ela me perguntasse por seu pai? Ela não teria vida. Tão pouco eu. Tinha medo e temia a atitude a ser tomada: o que me vinha à cabeça era **ABORTAR!**

Nesse período, não tive um único momento de alegria, mas apenas de aflição. Quando me lembrava, ah quando me lembrava de como tinha ocorrido, eu sentia vontade de arrancar aquela barriga fora, e novamente pensava em tirar minha própria vida e a daquela criança. Criança que me fez chegar a sentir nojo do meu próprio corpo, além de medo. Medo de que sásse de mim! Foi então, que eu pude perceber que isto não era certo, nem tão pouco normal.

Como eu, que nem sequer tinha vida, poderia dar vida a alguém?! Então, comecei a decidir sobre mim – sobre meu futuro e os próximos passos.

Quando falo do que fiz, muitos me condenam e me atacam.

– Você não se arrepende do que fez?

– Como você teve coragem?

Sempre me fazem lembrar pelo que passei, do que fiz. Tem gente que não me entende, que me chama de criminosa! Se for crime buscar a felicidade, a liberdade, sem pensar em atos que aprisionem o meu corpo e aniquilem minha mente, realmente sou culpada. De certa maneira, ter praticado o aborto “abriu-me os olhos”, me deu coragem, passei a exigir mais do mundo, da sociedade. Percebi que era particular em minha feminilidade e essência.

Deixei de ser apenas a Maria das Rosas e passei a ser toda e qualquer mulher que luta por uma sociedade melhor. Passei a cultivar minha Deusa: recebi a herança de Era, Artémis, Athena. O saber de Marie Curie, Mayana Zatz e Nize da Silveira; a coragem de Joana Darc e Anita Garibaldi; a persistência e luta de Aung San Suu Kyi, de Indira Gandhi, Golda Meir e Rosa Parks; O talento de Carmen Miranda, Elis Regina e Madonna; as palavras de Cecília Meireles, Simone de Beauvoir e Camille Paglia; a força de Maria da Penha; a sedução de Marilyn Monroe; a atitude de Olga Benário; a visão de Tarsila do Amaral. O desejo de fazer mais, possuído por Madre Tereza e Zilda Arns!

A beleza de todas elas e de tantas outras que com suas qualidades e sonhos, ajudaram a construir um mundo melhor e permitiram dar um novo significado à palavra mulher. Passei a trocar, mudar meus já desgastados e velhos papéis na sociedade. Ela parou de me tornar e comandar como é ser “mulher”. Então, pude dar um novo significado à minha condição de mulher. Deixei de ser coadjuvante na história e também passei a ser protagonista. Quanto a essa história de segundo sexo, não aceito isso. Pois afinal qual foi o primeiro?!

Nome completo da minha interlocutora: Vida sociedade Humana. Nessa conversa consigo, sussurra em meus ouvidos:

- Mulher, eu me lembro de tê-la visto em criação e te digo: não nascestes das costelas de alguém! Também não és culpada pela morte. Quando te olhavas a crescer, percebi tua astúcia e teu sofrimento. Por isso, não entendo te negarem valor: tu és germinação, fertilidade – parte decisiva da humanidade! Nela, tu e o outro, a quem os vejo como iguais. Iguais que cismam em diferirem-se, porque todo ser, em particular, é diferente. Diferente porque específico – Especial! Tu e o outro: especiais, específicos, diferentes. Iguais na construção de uma nova humanidade.